

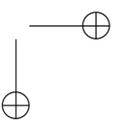
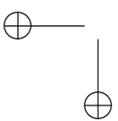
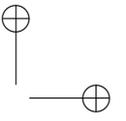
**Belmonte. Inquisição,
CriptoJudaísmo, Marranismo**



Recensão:
José António Domingues

2020

www.lusosofia.net





LUSO**Sofia**:press

Covilhã, 2020

FICHA TÉCNICA

DOI: 10.25768/2020.04.06.001

Título: *Belmonte. Inquisição, CriptoJudaísmo, Marranismo*

Autor: José António Domingues

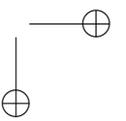
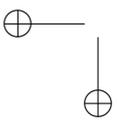
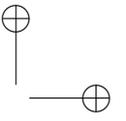
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

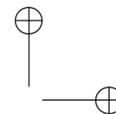
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: Filomena Santos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2020



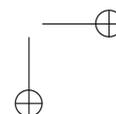
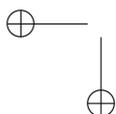


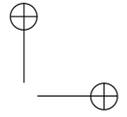
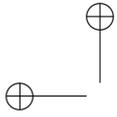
Belmonte. Inquisição, CriptoJudaísmo, Marranismo

José António Domingues

A obra aparece em contraponto ao encontro científico realizado em Belmonte, no Auditório do Museu Judaico, em 14-16 de Abril de 2016 [contraponto ao desaparecimento de um colóquio memorável] – o objectivo da publicação de estudos em que a análise de categorias e conceitos significam formas ou modos de vida prática dos indivíduos e dos grupos é extraído desta articulação de forma de pensamento / forma de vida. Sendo originariamente adaptado de uma história do judaísmo de Belmonte. E assim a obra encerra uma visão mediúnica de um local e da sua ligação em potência com horizontes mais vastos. Fica registada na sua edição a parceria da Câmara Municipal de Belmonte e da Empresa Municipal. Este aspecto denota um entendimento relativamente à questão judaica e à ciência que muda radicalmente a imagem que globalmente temos da política do Estado e dos Municípios que se funda sobre uma indiferença da esfera política em relação aos contextos práticos / laboratoriais da ciência. Com esta parceria abrem-se outros caminhos.

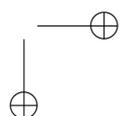
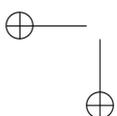
Nas 276 páginas da obra reúnem-se 11 textos que se propõem reflectir acerca do fenómeno das identidades religiosas dos chamados «judaizantes», «criptojudeus», «conversos», «cristãos-novos», «marranos» – disputa-se, nestes textos, uma constelação termino-





lógica complexa. Pensa-se, a partir desta constelação – que história se pode fazer? É um método de trabalho instituído pelas análises historiográficas de Michel Foucault, que o próprio clarifica como livres do historicismo que encontramos preso aos termos universais sempre primeiros na ordem do raciocínio e da constituição dos fenómenos para deduzir deles fenómenos concretos. Neste método, a chave de análise da questão judaica é a práxis (a ação) dos fenómenos – medida pela capacidade de os fenómenos se relacionarem com outros fenómenos. Donde, identificar, segundo esta premissa metodológica, o termo «converso» ou «cristão-novo», quer com o termo «criptojudeu» ou «marrano», quer com o termo «judaizante», não corresponde aos modos diferentes de assimilação à prática do cristianismo dos «convertidos» (Espanha) ou «cristãos-novos» (Portugal). Isto porque o significado empírico preciso dos conceitos não se faz fora do tempo das contingências teológicas, políticas, económicas, sociais, culturais. Os autores colocam as suas análises no plano de respostas às contingências do tempo. A diretriz metodológica da obra, como fora a do colóquio, é, neste sentido, a de verificar a coesão que existe entre clarificação terminológica e a contextualização do vocabulário técnico disponibilizado através de um estudo analítico mais histórico dos conceitos. A cadeia de reflexões metodológicas que a obra segue visa reconstituir a conversão Judaica ajustando-a ao seu próprio modo de formação. Os contributos colocam o tema sob a ideia de uma relação que sujeita a forma conceptual a um modo de envolvimento com as formas de vida dos indivíduos e dos grupos. Esta relação de sujeição está na origem da restituição da vida, vida que é *passado*, irreal, e, mesmo assim, é *presente*. A relação é uma *possibilidade* do surgimento fenomenológico da forma no domínio das práticas. É assim que a análise das categorias e dos conceitos não é reduzida a modos nus.

É uma obra sobre termos do judaísmo, os seus significados e interpretações – ajusta os significados aos problemas historiográficos

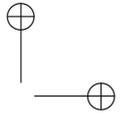
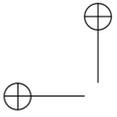


levantados pela actividade das inquisições peninsulares. Sobre este tópico, intercede desde o início pela não existência de «um bloco orgânico e coerente de práticas e de princípios, reconduzível, por sua vez, a *um núcleo essencial e universal* da Inquisição» (p.12). Sempre a ela/s inquisição/ões se recorre para criar-se distinção na análise e na história, o rigor, de algumas opções terminológicas utilizadas pelos estudiosos. Nas *directrizes metodológicas e teóricas* que figuram no início deparamos com um notável quadro sinóptico de termos extraídos de passagens de obras de autores que se tornaram referência entre os estudiosos contemporâneos da Inquisição – Jaime Contreras y Contreras, Michael Alpert, Jonathan Israel, Yirmiyahu Yovel, Révah, Benzion Netanyahu, Carl Gebhardt, Herman Prins Salomon. Compreende-se neles, nos seus textos, o que é preciso para de um uso inquisitorial dos termos fazer surgir uma significação historiográfica do judaísmo. É esta a formulação de Herman Prins Salomon quando diz: «para os inquisidores faz parte integral do judaísmo varrer a casa “ao contrário”, ou seja, de fora para dentro.» Acreditam que dizem verdade os réus que confessam tal prática. A tarefa que se impõe a si mesmo o historiador “marranista” é a de ilustrar a existência real do “marranismo”, fundamentando-se nos documentos produzidos pela Inquisição» (p. 24). E Révah encontra a essência do judaísmo num necessário empenho e determinação para alcançar tal essência, garantindo-a, assim, quando se entra numa luta, que a muitos escapa: «muitos judaizantes não tinham nem a determinação, nem o empenho, nem a auto-imagem de um “judeu oculto”» (p.20).] São tentativas de fazer surgir significação historiográfica do judaísmo no confronto com o uso inquisitorial dos termos.

Uma das intenções que os autores visam é fazer justiça à vila de Belmonte – justificam estas significações historiográficas, também, na vida concreta do povo de Belmonte. Monique Benveniste na *Alocução Inaugural* dá-se como expressão pessoal àquilo que é realmente o fundamento destas significações concretas. Lê-se no

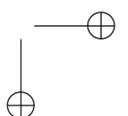
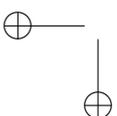
seu texto: «E aqui estou, quinhentos anos depois, eu, filha de Sefarditas, cuja família tinha sido acolhida em 1492 em Portugal, na sequência da Inquisição espanhola, tendo depois saído de Portugal em 1536, a caminho do Império Otomano, passando por Veneza e Ferrara, e tendo acabado por ser salva por Portugal na II Guerra Mundial. E aqui estou em Belmonte, terra em que ficou um povo fiel à sua fé e às suas tradições, contra ventos e marés, e que passados séculos ressurgiu do esquecimento!» (p. 27)

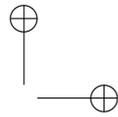
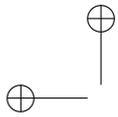
A obra estabelece um nexa da Cruz de Cristo com a Estrela de David – António Bento escreve sobre o *Batismo forçado e tipos de conversos*, colocando no centro do nexa a conversão forçada dos judeus ao cristianismo, mais concretamente, aquele momento do nó indissolúvel em que, diz: «os judeus que de 1492 em diante fugiram dos reinos de Castela, Aragão, Navarra, Andaluzia para se instalarem em Portugal, uma vez aqui chegados, foram primeiro raptados, a seguir baptizados à força, para finalmente serem violentamente exilados.» (p. 32) Este terá sido o momento decisivo, porque essencial, de toda a História portuguesa sob o qual se fundou o «criptojudaísmo» ou «marranismo», durante os séculos XV e XVI na Espanha e nos séculos XVI e XVII em Portugal. Uma das publicações que repugnam a situação é o livro de Samuel Usque, *Consolação às Tribulações de Israel* [1553]. Isto obriga, ao que Carl Gebhardt se refere e é essencial à sua leitura da conversão forçada, à *duplicidade marrana*, que contém o sentido de *dilaceração interna da identidade judaica*. Esta dilaceração é o pano de fundo da discussão teológica sobre a validade da prática de um consentimento por coacção. Mas o modo de validade do consentimento é mais reservado no converso do que na teologia da inquisição. Por conseguinte, a esta luz, escreve António Bento: «os chamados «conversos» não eram cristãos sinceros, mas «criptojudeus», fossem estes secretamente «judaizantes» ou não, ou, como mais tarde seriam designados, com todos os equívocos da polissemia intrínseca ao termo, «marranos». (p. 50) Uma certa escola de



historiadores judeus prepara-se, segundo António Bento, para «estabelecer em que medida o judaísmo alegadamente praticado pelos «convertidos» baptizados era um verdadeiro judaísmo» (p. 52). A conversão é, no texto, na parte final, matéria de razões vastas: é ditada por uma reflexão sobre a sua condição, natureza e tipologia. Estas podem quase sempre inserir-se num dado contexto, sem que isso se torne uma razão de ser absoluta.

O ressurgir de Belmonte do esquecimento – (é ainda) ideal que nasce certamente da discussão dos assuntos que fazem a história e a identidade dos belmontenses e das suas incontáveis relações. E ele (ideal) tanto pode concentrar-se na observação daquela «que deveria ser a realidade criptojudáica em Belmonte durante este longo período de quase dois séculos de perseguições inquisitoriais» (p. 65) – e então surge o estudo dos processos inquisitoriais existentes nos séculos XVI, XVII e XVIII em Belmonte, de Jorge Martins. Trata-se de descrições das sentenças de réus belmontenses e têm em vista legitimar «a tese de que a atual Comunidade Judaica de Belmonte tem ascendência secular belmontense.» (p. 77) O ideal pode realizar-se na observação, (uma via) como pode mergulhar nos pensamentos ou preocupações do homem que atravessa a realidade. Nesta tem-se em vista uma disposição de ânimo. No seu artigo, *Vidas de Cristãos-Novos na Beira, No século XVIII. Gaspar Mendes Furtado e Clara Henriques Lara*, Maria Antonieta Garcia revela o *Auto da Fé – 13 de outubro de 1726* e o modo como os condenados à morte, homens e mulheres, desfilam em agonia abortos em pensamentos: «Seguem cabisbaixos, os rostos pálidos de morte. Vestem sambenito. Estremecem, expostos à raiva. A surriada insultuosa bloqueia pensamentos, preces e revoltas. Vêm desgastados por interrogatórios infindos, doídos pelo tratamento inumano, aleijados pelos tratos de potro e polé. Ouve-se o crepitar do fogo. Impiedosas chispas de luz inundam o espaço. Reconhecem amigos, parentes... e inimigos, também. Rugidos da plebe aumentam o pânico, ensandecem. Fragmentos do que foram, feitos em





bocados, o que sobrou de crenças e valores? Ouviram classificar de erros, de cegueira, a fé que era a sua. Despertam ódio, temor. . . Uns são judeus fiéis, outros converteram-se ao cristianismo, conta-se uma mão cheia de cétricos. . . a maioria são marranos, com vidas duplas. . . GMF (Gaspar Mendes Furtado) arrastava-se, bem como Clara, a mulher.» (p. 101)

Belmonte é hipótese, aqui, de estudo de um criptojudáismo tradicional – esta é a anotação crítica que é referida no programa de trabalho de Carsten L. Wilke (pp. 189-211). Este autor reconhece, em nome de um princípio de transformação das práticas judaicas, a disposição do criptojudáismo tradicional para a reflexão dessa transformação. Em face de tal hipótese, os belmontenses têm boas razões para atribuir à questão judaica importância da crítica da sua cultura, onde a Comunidade Judaica de Belmonte é substância e inspiração, ou *pode ser*.

